

PRODUÇÃO TEXTUAL: UM CAMINHO FANTÁSTICO

Rosane de Carvalho Silva (UEL)

Valdenice de Almeida (UEL)

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade apresentar o resultado das práticas desenvolvidas no estágio curricular obrigatório, do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas e Clássicas, na disciplina de Metodologia de Ensino: estágio, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), desenvolvido em um dos colégios Estaduais que fazem parte do NRE-Londrina/PR. As inúmeras transformações que a língua(gem) vem adquirindo através do tempo trazem inovações que abrangem toda a educação. O professor de Língua Portuguesa tem encontrado grandes desafios em sala de aula, pois há a necessidade de uma metodologia que abranja não só os conceitos tradicionais, mas também toda forma de linguagem a que o estudante esteja inserido de forma prática; uma escrita que abarque seu cotidiano, que lhe seja familiar, fazendo com que possa expressar seu senso crítico e chegar a uma aprendizagem satisfatória. Foi possível analisar durante o período de estágio que os estudantes possuem muita imaginação e um forte potencial de criação, porém com muitos erros ortográficos e gramaticais. Intencionamos apresentar a forma de estruturação da produção textual no livro didático, como ferramenta de auxílio ao professor no ensino fundamental para que assim possamos entender como eles ajudam no processo de formação de um bom produtor de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; Interação; Livro didático.

1. Introdução

Como estudantes do curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, temos acompanhado com muito interesse as várias formas de linguagem pesquisadas e analisadas por muitos linguistas. Podemos observar que a língua, em seus aspectos orais e escritos, sempre foi utilizada para ascensão social desde a colonização do Brasil, quando introduzida em nossa nação através do português de Portugal. A partir dessa ideia, os atuais professores de Língua Portuguesa têm olhado para o campo da escrita sob um novo aspecto que visa descobrir em seus alunos novos leitores e escritores, auxiliando-os a participarem mais e melhor do meio social.

Para o PCN (BRASIL, 1997), é de suma importância que o aluno torne-se um produtor de textos, uma vez que é pelo caminho da leitura que o professor observa o funcionamento da língua escrita de seus alunos e sua organização no plano redação. Assim, é

possível perceber que cada aluno deve inteirar-se das etapas da leitura e ter em mente um referencial linguístico significativo de ideias para o desenvolvimento da produção textual.

O profissional de Língua Portuguesa tem grande importância na formação de seus educandos, além dos conteúdos da língua, deve ser um grande incentivador e orientador de suas leituras. Usamos a língua para exercer as tarefas e funções que executamos em nosso dia a dia e tanto a leitura quanto a escrita são fundamentais para que tenhamos êxito em nossas atividades. Além disso, é por meio da linguagem que a sociedade evolui sua cultura e a escrita é a ferramenta principal para que essa cultura seja perpetuada.

O livro didático é um apoio para a prática docente em sala de aula como também é fonte de conhecimento, contudo não deve ser um fim em si mesmo. O fato de o livro didático ser importante depende da forma como é utilizado pelos educadores para aprimorar o seu fazer pedagógico. É nesse sentido, e pensando na formação dos alunos como escritores, que analisaremos como se faz a apresentação das atividades de produção textual nos materiais didáticos e sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem.

2. Livro didático: ferramenta exclusiva

O livro didático é uma ferramenta fundamental no trabalho pedagógico, ele serve como complemento e apoio no processo de aprendizagem dos alunos e ainda contribui para auxiliar o professor a traçar estratégias de ensino. No entanto, não deve ser o único recurso usado pelo docente, além de não ser obrigatório seu uso de forma linear, tendo grande relevância na proposta de atividades, facilitando a transmissão de conteúdos aos alunos. A forma como o profissional faz uso do livro didático é o que determina o quanto ele será relevante.

3. A seleção do livro didático e o professor

Selecionar um livro didático não é uma tarefa fácil, pois trata-se de uma ferramenta fundamental para o processo de ensino e aprendizagem e precisa ser avaliado em seus aspectos estruturais e de conteúdo. Deve-se considerar que a participação do professor, tanto na seleção quanto na avaliação desse recurso, faz-se muito significativa, pois é preciso conhecer as qualidades e limitações dos livros para repensar as práticas pedagógicas e, a partir

da base oferecida neles, somar a outras estratégias com a finalidade de ampliar conceitos e enriquecer as atividades em sala de aula. O importante é que o professor veja o livro didático apenas como uma das ferramentas entre outras que lhe dão condições satisfatórias de ministrar um ensino de respeito e qualidade. Soares (2002) mostra as dificuldades vividas pelo educando quanto ao uso do livro didático:

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor. Mas de novo vou insistir. Por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, frequentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apoia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino. (SOARES, 2002, p. 2)

Usar somente esse meio como único roteiro de suas aulas, acaba por comprometer a aprendizagem do aluno e a não considerar as variações linguísticas que trazem de suas vidas extracurriculares, os contextos sociais a que pertencem e as necessidades urgentes requeridas pelo uso da língua, ocasionando diferenças, conflitos e preconceitos, deixando o aluno aquém do conhecimento necessário para apropriar-se de uma escrita satisfatória.

4. O livro didático adotado pela escola

O livro didático trabalhado durante o ano letivo, referente a regência desse estágio monitorado (2018), foi o *Tecendo Linguagens*, para o 9º ano, dos autores Tania Amaral Oliveira, Elizabeth Gavioli de Oliveira Silva e Lucy Aparecida Melo Araujo. O exemplar possui 248 páginas e foi concedido gentilmente pelo professor que nos recebeu como estagiárias. Dividido em 4 unidades, ele trabalha prática de leitura e interpretação e produção de texto em todas as unidades.

O primeiro capítulo da primeira unidade aborda o gênero literário Conto e traz a prática de leitura. São trabalhados dois contos em que os alunos devem resolver os exercícios propostos para chegar à produção de um texto final. São apresentados os autores dos contos explorados, feitas perguntas sobre a interpretação dos textos em si e propostas atividades de

gramática. No primeiro exercício de interpretação, também encontramos uma tirinha em quadrinhos que trabalha linguagem verbal e não-verbal. No exercício de produção de texto referente ao primeiro conto, o livro apresenta a foto de uma senhora bem idosa e pede para os alunos escreverem um parágrafo descrevendo com o máximo de detalhes da fotografia apresentada, incluindo sua idade e aparência. O trabalho final é a criação de um conto a partir da imagem de um índio e um caboclo.

O aluno é orientado à produção textual através de tópicos, planejamento e avaliação para saber se estão sendo usadas as ferramentas necessárias para a construção de um conto. A unidade 1 possui dois capítulos, o primeiro sobre Contos e o segundo sobre Romances e o aluno deve chegar ao fim dessa unidade sabendo as marcas próprias de cada gênero textual abordado e, a partir disso, produzir um novo texto.

A unidade 2 apresenta temas como amor e sexualidade, são dois capítulos e o primeiro tem como título “Amor e Poesia”. A imagem de uma pintura em tela é apresentada para os alunos interpretarem sobre o que entenderam e, em seguida, é apresentado o autor da tela. Na sequência, o livro mostra um poema com o título “Órion”, de Carlos Drummond de Andrade, e uma letra de música, “Amor maior”, do grupo Jota Quest, e pede para que o aluno compare os dois textos. Depois são trabalhados mais 4 poemas com a conclusão de uma nova produção de texto.

O capítulo dois da unidade 2, tem como tema “Outras Paixões, Outras linguagens”. Esse capítulo trabalha a música, do grupo musical Skank, “Te ver” e em seguida traz outro texto sobre a falta de imaginação. Esse capítulo apresenta a televisão e o rádio como foco de paixão trazendo uma reflexão sobre como uso da língua e da gramática são trabalhados. Propõe também um texto de como fazer um filme de amor com cenas, narrador e personagens. A produção de texto é sobre Resenha, o aluno deve assistir a um filme e se colocar no lugar de crítico de cinema para fazer a produção.

Já a unidade 3 apresenta como tema a questão da violência e como jornais e revistas abordam o assunto. Primeiro, uma charge é apresentada como crítica social, uma mãe veste a filha com um colete à prova de balas e diz que ela já está pronta para ir à escola. São feitas perguntas aos alunos para reflexão sobre a charge. Um segundo texto é sobre um artigo de opinião sobre paz social, tratando-se do gênero jornalístico e aborda a triste realidade de

crianças e adolescentes abandonados em situação de rua. Os autores elaboram questões que fazem o estudante pensar sobre o objetivo do jornalista ao escrever uma reportagem como essa. Nesse capítulo, é trabalhado também o gênero textual Crônica, versando sobre a humanidade e o automóvel, escrito por Raquel de Queiroz. Em seguida são propostas atividades sobre interpretação e coesão textual. Os autores trabalham mais um artigo, “Superpopulação Carcerária”, e como produção textual deve ser feito um artigo de opinião baseado no que foi aprendido.

No capítulo dois, da unidade 3, são mostradas as várias faces do preconceito. O primeiro texto trabalhado é uma história em quadrinhos que mostra dois homens em um bar escolhendo as mulheres com quem querem ficar, objetificando-as. Um questionário é proposto aos alunos sobre a questão do preconceito. O segundo texto tem como tema “O carioca e a roupa”, sobre como uma pessoa é tratada de acordo com o que veste. Depois, atividades sobre concordância verbal são o próximo item e, para as atividades, o livro pede uma produção de crônica.

A unidade 4, também com dois capítulos, aborda no primeiro a natureza do Brasil e suas riquezas naturais. Com uma tela de Tarsila do Amaral, inicia as questões sobre quais sentimentos aquela imagem provoca no aluno. Em seguida, traz um artigo de opinião que relata a natureza em nosso país e como ela está sendo destruída, o texto propõe uma reflexão sobre o meio ambiente. Num segundo texto, o gênero escolhido é a reportagem com o título “Para especialistas, causas da seca vão além do desmatamento na Amazônia”. Esse capítulo faz o aluno refletir sobre o país em que vive e o que está fazendo para preservar o meio ambiente. São abordados também outros textos como quadrinhos e o famoso poema de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”. O desafio desse capítulo é a produção de uma paródia a partir dos textos analisados.

No capítulo dois, da unidade 4, o tema é que profissão seguir. O capítulo começa com a imagem do espaço e pergunta ao aluno se ele sabe o que um astrônomo faz e o que mais lhe chama a atenção na imagem. Como gênero textual, os autores usam a entrevista de Marcos Cesar Pontes, “Um brasileiro conquista o espaço”, falando de um brasileiro que realizou o sonho de milhares de crianças de ser um astronauta. A próxima reportagem versa sobre a profissão do professor e suas dificuldades. O capítulo propõe também como texto

sobre profissão um mangá, uma história em quadrinhos diferente das tradicionais, na qual dois jovens conversam sobre trabalho e profissão. Em seguida, apresentam uma entrevista com a atriz de telenovelas Mariana Ximenes, que comenta um pouco sobre a profissão escolhida. É trabalhada a gramática nesse capítulo e, em seguida, é pedido ao aluno uma pesquisa sobre o jovem e o mercado de trabalho. Finalizando, como produção textual, é solicitada aos alunos a produção de um currículo, para isso são feitas perguntas como qual linguagem usar, qual o público leitor e que estrutura o texto deve ter.

Ao analisar esse livro, pudemos observar que ele apresenta temas bem atuais e interessantes ao universo adolescente; visto que é uma fase de conhecimento de mundo, a obra aborda diversos tipos de gêneros textuais e sempre ao final de cada capítulo é pedido uma produção de texto prática.

5. A estrutura escolar e o ambiente

O estabelecimento de ensino no qual foi realizado o estágio supervisionado obrigatório situa-se na região norte do município de Londrina, com boa estrutura, organizada, limpa e clara. A entrada principal localiza-se na parte de baixo da estrutura do colégio, na qual estão a secretaria, a sala pedagógica, os banheiros, a sala de recepção, a sala dos professores e a biblioteca, todas elas de bom tamanho, de fácil acesso e com boa recepção. Vimos uma biblioteca bem organizada contendo TV, datashow, quadro negro, ventiladores, notebook, caixa de som, mesas e cadeiras bem organizadas e livros expostos de forma facilitada.

Ao adentrar o pátio da escola, deparamo-nos com dois lances de escada dando acesso ao corredor; à esquerda localiza-se uma cantina bem ampla, conjugada com uma cozinha, na qual é preparado o lanche dos alunos e, à direita, bancos, mesas e árvores em que os alunos descansam no intervalo. Subindo mais um lance de escadas, à esquerda localiza-se uma pequena quadra para educação física, sendo que a quadra maior fica mais à frente, junto ao estacionamento; do lado esquerdo localizam-se as salas de aula divididas em dois pisos. Logo na entrada desse pavilhão há um bebedouro e banheiros e no corredor as salas de aula que são de bom tamanho, todas com ventiladores e boa iluminação. As salas de aula não dispõem de datashow, som e TV, devendo o professor agendar horário na biblioteca para fazer uso desses recursos.

O pátio do colégio é bem arborizado e decorado com jardins e vasos com flores naturais, isso dá ao colégio um ar de naturalidade e frescor.

6. A experiência em sala de aula

Como estagiárias do 3º ano do curso de Letras Português, tivemos contato com uma sala contendo 33 alunos, com idades entre 14 e 16 anos, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental. A escola está localizada em um bairro de periferia, os alunos são de classe baixa, o professor regente insere em suas aulas não apenas o livro didático, mas faz uso de outros livros que tratam da Literatura. Ele traz também outras formas de texto como músicas, poemas, crônicas, artigos de opinião e, a partir desses gêneros textuais, os alunos adquirem base para produzirem novos textos.

Ao estagiar, a partir de nossas regências, pudemos trabalhar a produção de texto como instrumento de excelência para entrar no cotidiano dos alunos e tivemos a experiência de conhecer sua escrita. Demos início com as observações das aulas do professor regente, que nos explicou tanto a forma de comportamento dentro de sala quanto o conhecimento dos alunos. O professor regente mostrou-se sempre muito interativo e disciplinado, levando o aluno a participar da aula por meio de perguntas bem elaboradas, sem expô-los ao constrangimento, valorizando cada aluno em suas particularidades. Pudemos notar nesse período algo muito relevante que é presenciar o professor dar aula valorizando o conhecimento prévio dos alunos e acrescentando positivamente as questões cotidianas como valor humano, respeito à natureza, como viver harmoniosamente em sociedade, levando os alunos a uma reflexão de conteúdos que ultrapassam os muros da escola.

Na segunda etapa, passamos a observar e também auxiliar o professor regente, foi uma experiência fantástica, pois a forma como tudo foi conduzido deu-nos mais segurança para o momento da regência. Uma das questões que nos fez sentir valorizadas pelo nosso desempenho, foi o professor regente confiar a nós a correção de uma produção de texto feita pelos alunos, a partir daí pudemos, através da escrita individual, conhecer melhor cada um.

Na terceira etapa, passamos para a regência, uma experiência ímpar. Iniciamos nossos trabalhos com o gênero textual Paródia e foram várias aulas expondo os diversos caminhos trilhados por esse gênero. De início, foi apresentada a parte teórica, quando os

alunos interagiram com perguntas e curiosidades; logo em seguida apresentamos alguns dos vários caminhos percorridos por esse gênero como: cantigas populares, músicas, poemas, tirinhas, histórias em quadrinhos, imagens e conto de fadas. Nessa fase, usamos o livro didático como ferramenta de apoio, o que nos deu uma base para o conteúdo explorado, pois, a partir do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, contido no livro didático adotado pela escola, pudemos somar com paródias de outros autores. Assim, os alunos criaram suas próprias paródias.

Foi gratificante analisarmos a criação desses educandos, eles nos surpreenderam com a coerência dos textos produzidos e com a demonstração de que levamos os alunos a uma aprendizagem satisfatória. Notamos algumas dificuldades na coesão dos textos, vários erros ortográficos e gramaticais, porém notamos que essa questão seria de fácil resolução, pois os alunos tinham muito gosto pela escrita e por expressar suas ideias. Foram textos ricos em conhecimento escolar e também de mundo. Como avaliação final desse conteúdo, foi solicitada uma paródia de conto de fadas, e novamente a criação textual dos alunos surpreendeu-nos, dando-nos a sensação de missão cumprida.

Trabalhamos também com o gênero Crônica, outra experiência marcante. As aulas foram executadas com teorias baseadas no livro didático, somadas à experiência de vida dos alunos, debates em sala e como avaliação de aprendizagem foi solicitada uma produção escrita individual de uma crônica. No final da nossa regência, trabalhamos variação linguística, abordamos a parte teórica desse assunto e os vários contextos de variações. Os alunos demonstravam cada vez mais interesse, motivando-nos a continuar a busca de novos conhecimentos. Encerramos nossos trabalhos com uma atividade lúdica chamada “Jogo bomba”, que trata-se de várias perguntas a respeito das variações linguística, em que os alunos, divididos em dois grupos, respondiam as perguntas e marcavam pontos. Ao final, houve o grupo vencedor, porém a recompensa fora dada a todos os que participaram. Todos puderam se deliciar com doces e chocolates, foi um momento inesquecível que vivemos durante esse período acadêmico.

Aprendemos com essas experiências que ensinar a língua é conduzir os alunos falantes nativos a internalizar a sua língua na forma escrita. Vercese (2005) tece a utilidade de se ajustar fala e escrita nas produções textuais dos alunos:

O ensino de língua deve iniciar no conhecimento intuitivo dos mecanismos da língua, ao mesmo tempo em que será usado para o do mínimo consciente de uma língua que os alunos já têm interiorizado[...]. Quero dizer que os professores devem estar sempre atentos ao resultados progressivos dos alunos nas suas produções escritas e que podem despertar neles reflexões sobre o uso da própria língua, mostrando – lhes que para cada situação de fala, a linguagem pode ser adequada às exigências sociais. Aos poucos, eles podem conhecer melhor a língua falada nativa e com isso saber discernir os vários usos da língua, e caminhar para a interiorização das estruturas da língua escrita. (VERCESE, 2005, p. 12)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível analisar durante o período de estágio que os estudantes possuem muita imaginação e um forte potencial de criação, porém, com muitos erros ortográficos e gramaticais. Para se tornar um bom produtor de textos, primeiramente é preciso que se tenha competência na produção de sentidos de um texto e isso os alunos apresentaram nos textos propostos, uma surpresa que tivemos nesse período em sala de aula. Os desvios da gramática são questões mais fáceis de serem trabalhadas, haja vista que a coesão de um texto é bem mais fácil de se assimilar do que a coerência. Foi possível notar que a interação professor/aluno torna-se essencial para a produção desses textos, assim como a metodologia baseada nos PCNs trazem o diferencial no ensino/aprendizagem. Observamos também que o livro didático é um instrumento de apoio ao professor e que, se bem trabalhado, em conjunto com todas as outras ferramentas que estão disponíveis ao educador, principalmente o valor do conhecimento prévio do aluno, trarão sucesso tanto para o educando quanto para o educador.

Chamou-nos a atenção o fato de o professor regente considerar o conhecimento prévio dos alunos, em contraposição a algumas escolas que, por muitas vezes, priorizam o que na verdade não é a necessário para o aluno, gerando conflito e inibição na hora do desenvolvimento da escrita. Um texto nunca deve ser um pretexto para abordar apenas conteúdos gramaticais, mas uma forma de abordagem geral, sendo a oportunidade do professor trabalhar a oralidade, a escrita e a interação social.

No estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de conhecer melhor cada aluno por meio da escrita, cada um com seu conhecimento prévio, com liberdade de escrever, de criar, sem medo de ser julgado pelos erros gramaticais. E podemos, a partir disso, levá-los a

entender que a forma adequada da escrita é importante, porém sem inibir o aluno ao produzir o seu texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: parâmetro nacional de língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

OLIVEIRA, Tânia Amaral de. **Língua Portuguesa**: 9º ano [et AI]. 4. Ed. São Paulo: IBEP, 2015.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade [online]. 2002. vol. 23. n 81, p. 143 – 160.

VERCESE, R. M. N. **Letramento e Alfabetização**: dois processos indissociáveis. Guajará-Mirim: UNIR – CEPLA, 2005.